

UM CONTRIBUTO PARA O ENSINO DA EDIÇÃO DE IMAGEM DE CONTEÚDOS NOTICIOSOS TELEVISIVOS PARA JORNALISTAS A CONTRIBUTION TO TV NEWS EDITING TEACHING FOR JOURNALISTS

CARLOS CANELAS

CARLOS.CANELAS@IPG.PT

UNIDADE DE INVESTIGAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DO INTERIOR
DO INSTITUTO POLITÉCNICO DA GUARDA

JORGE FERRAZ DE ABREU

JFA@UA.PT

CIC.DIGITAL

JACINTO GODINHO

JACINTOG@HOTMAIL.COM

CIC.DIGITAL

RESUMO

Na era da convergência digital, são exigidas novas competências aos profissionais da informação. No caso do jornalismo televisivo, presentemente, os jornalistas desempenham funções/tarefas que, ainda há pouco tempo, eram apenas realizadas por profissionais altamente especializados, como seja a edição de imagem de conteúdos informativos.

Perante esta realidade, os estabelecimentos do ensino superior, Universidades e Politécnicos, que preparam os futuros jornalistas, devem responder às novas necessidades formativas.

Neste sentido, através do presente artigo, pretendemos propor algumas recomendações, no campo do ensino da edição de imagem de conteúdos informativos televisivos, que possam conduzir a uma melhoria do desempenho dos futuros jornalistas de televisão no exercício desta função/ tarefa.

PALAVRAS-CHAVE

Conteúdos noticiosos, edição de imagem, ensino, jornalistas, televisão.

ABSTRACT

In the digital convergence era, professionals are required to have new information competences. Today, as far as television journalism is concerned, journalists perform functions/ tasks, such as news video editing, that not long ago were only carried out by highly qualified professionals.

Faced with this reality, higher education institutions, universities and polytechnics, which prepare future journalists, must respond to new educational needs.

Thus, through this article, we intend to put forward some recommendations in the teaching field of news video editing that can lead to an improvement in the performance of future television journalists carrying out this function/task.

KEYWORDS

Education, journalists, news, TV, video editing.

UM CONTRIBUTO PARA O ENSINO DA EDIÇÃO DE IMAGEM DE CONTEÚDOS NOTICIOSOS TELEVISIVOS PARA JORNALISTAS A CONTRIBUTION TO TV NEWS EDITING TEACHING FOR JOURNALISTS

CARLOS CANELAS

CARLOS.CANELAS@IPG.PT

UNIDADE DE INVESTIGAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DO INTERIOR
DO INSTITUTO POLITÉCNICO DA GUARDA

JORGE FERRAZ DE ABREU

JFA@UA.PT

CIC.DIGITAL

JACINTO GODINHO

JACINTOG@HOTMAIL.COM

CIC.DIGITAL

1. Introdução

A partir do início dos anos 90 do século passado, diversas estações televisivas europeias e norte-americanas começaram a incorporar jornalistas polivalentes nas suas redações noticiosas (Ramonet, 1999; García Avilés, 2006a, 2006b, 2006c). No seguimento desta ideia, Ignacio Ramonet (1999: 53) escreve que «nas salas de redação das cadeias de televisão modernas, os jornalistas redigem o texto e montam as imagens em simultâneo». Isto significa que os telejornalistas são levados a assumir funções e/ou tarefas que, ainda não há muito tempo, eram executadas por outros profissionais da informação (Deuze, 2004; Rintala e Suolanen, 2005; Canavilhas 2009; Salaverría, 2009).

Ora, uma destas funções/tarefas realizadas pelos jornalistas televisivos é a edição de imagem de conteúdos noticiosos. Tendo em conta alguns estudos (Cottle e Ashton, 1999; García Avilés, 2002, 2006a, 2006b, 2006c; García Avilés e León, 2002; Salaverría e García Avilés, 2008; Wallace, 2009, 2013; Waldman *et al.*, 2011; Canelas, 2013; Souza Filho, 2015) que abordam, de uma forma direta ou indireta, esta problemática, podemos afirmar que uma das competências que, no presente, é, cada vez mais, exigida pelas estações televisivas aos jornalistas é a de editar em vídeo os conteúdos informativos.

Neste contexto, em 2013, no âmbito do programa doutoral em Informação e Comunicação e Plataformas Digitais, ministrado pelo Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro e pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, apresentámos e defendemos a tese de doutoramento intitulada «O Binómio Jornalista-Editor de Imagem na Produção Noticiosa Televisiva: causas e consequências». Este trabalho académico teve como objetivos gerais determinar e perceber as

causas e as consequências de serem os próprios jornalistas televisivos a desempenhar a edição de imagem de conteúdos noticiosos transmitidos pela televisão.

Com efeito, esta investigação pretendeu concretizar os seguintes objetivos específicos: apurar e entender quais as causas que contribuem para que os jornalistas de televisão executem a edição de imagem de conteúdos informativos televisivos; averiguar e compreender as consequências, tanto as positivas como as negativas, desta mudança profissional; identificar e perceber as dificuldades dos telejornalistas quando assumem a edição de imagem de conteúdos noticiosos televisivos, com vista a assinalar as suas necessidades de formação neste domínio; verificar a forma como os alunos dos cursos superiores, que formam jornalistas (*Jornalismo* ou afins), estão a ser preparados para editar em vídeo conteúdos noticiosos televisivos; propor algumas recomendações, no campo do ensino da edição de imagem de conteúdos informativos televisivos, que possam conduzir a uma melhoria do desempenho dos jornalistas de televisão no exercício desta função/ tarefa.

2. Metodologias

De modo a alcançarmos os objetivos relativos ao ensino, decidimos envolver docentes do ensino superior universitário e do politécnico, quer do ensino público quer do ensino privado, que estivessem, de forma direta ou indireta, envolvidos na lecionação no campo da edição de imagem de conteúdos noticiosos televisivos para jornalistas.

Assim sendo, através da consulta do *website* da Direção-Geral do Ensino Superior, detetámos 26 cursos superiores de Jornalismo ou afins¹ (Ciências da Comunicação – variante: jornalismo; Comunicação Social – variante: jornalismo), ao nível do 1.º ciclo, isto é, cursos de Licenciatura, lecionados em Portugal Continental. Porém, de fora desta contagem ficaram outros cursos superiores da área da Comunicação, como sejam o de Comunicação e Relações Públicas ministrado pela Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto do Instituto Politécnico da Guarda ou o de Comunicação Organizacional lecionado pela Escola Superior de Educação de Coimbra, entre outros, visto que estes não estão tão vocacionados para a preparação dos futuros jornalistas, dando primazia a outros campos da Comunicação.

Relativamente à não inclusão de cursos do 2.º e do 3.º ciclo de estudos em Jornalismo ou afins, procurámos, unicamente, analisar a formação base que é fornecida pelos estabelecimentos de ensino superior aos futuros jornalistas, sendo que as limitações temporais, ou seja, o tempo destinado à realização da tese de doutoramento que originou este artigo, também influenciou esta escolha.

Após a identificação dos cursos superiores de Jornalismo ou afins e a consulta da informação disponibilizada no *website* de cada curso, procurámos saber quais é que seriam os docentes mais indicados para colaborar neste estudo. Desta forma, recorrendo à informação acessível nos *websites* de cada curso, conseguimos, na maior parte dos casos, identificar o(s) docente(s), bem como o(s) respetivo(s) contacto(s) de correio eletrónico. Nos casos em que não estava disponível esta

1 In: (<http://www.dges.mctes.pt/DGES/pt/OfertaFormativa/CursosConferentesDeGrau/>) e <<http://www.acessoensinosuperior.pt/indmain.asp?frame=1>) (acedido em 2011-2013).

informação, contactámos, por meio de correio eletrónico, os diretores de curso ou os diretores de departamento para solicitar a informação pretendida.

Depois de reunida esta informação, preparámos e enviámos os pedidos de colaboração, via correio eletrónico, a diversos docentes, cujos pedidos foram aceites pelos seguintes docentes:

- **Bruno Silva** (docente do curso de Licenciatura em Ciências da Comunicação da Escola Superior de Educação e Comunicação da Universidade do Algarve, em Faro);
- **Carla Cruz** (docente do curso de Licenciatura em Ciências da Comunicação do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade Técnica de Lisboa);
- **Filipa Cerol Martins** (docente do curso de Licenciatura em Ciências da Comunicação da Escola Superior de Educação e Comunicação da Universidade do Algarve, em Faro);
- **Francisco Sousa** (docente dos cursos de Licenciatura em Ciências da Comunicação e da Cultura — área Jornalismo e Licenciatura em Comunicação e Jornalismo lecionados na Escola de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias da Informação da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, em Lisboa);
- **Frederico Lopes** (docente do curso de Licenciatura em Ciências da Comunicação da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa, no Porto);
- **Gil Ferreira** (docente do curso de Licenciatura em Comunicação Social da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Coimbra);
- **Hugo Gilberto** (docente do curso de Licenciatura em Ciências da Comunicação do Instituto Universitário da Maia);
- **João Canavilhas** (docente do curso de Licenciatura em Ciências da Comunicação da Faculdade de Artes e Letras da Universidade da Beira Interior, na Covilhã);
- **João Simão** (docente do curso de Licenciatura em Ciências da Comunicação da Escola de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, em Vila Real);
- **Jorge Carvalho** (docente dos cursos de Licenciatura em Ciências da Comunicação e da Cultura — área Jornalismo e Licenciatura em Comunicação e Jornalismo lecionados na Escola de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias da Informação da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, em Lisboa);
- **José Manuel Portugal** (docente do curso de Licenciatura em Jornalismo da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra);
- **José Rodrigues dos Santos** (docente do curso de Licenciatura em Ciências da Comunicação - percurso Jornalismo da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa);
- **Miguel Ângelo** (docente do curso de Licenciatura em Comunicação Social do Instituto Superior Miguel Torga, em Coimbra);
- **Pedro Felício** (docente do curso de Licenciatura em Comunicação Social da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal);

- **Pedro Lima** (docente do curso de Licenciatura em Ciências da Comunicação e Cultural: especialização em Comunicação Social e Jornalismo da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa, em Lisboa);
- **Pedro Pinto** (docente do curso de Licenciatura em Ciências da Comunicação da Universidade Autónoma de Lisboa);
- **Rúben Neves** (docente do curso de Licenciatura em Comunicação Social da Escola Superior de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Lisboa);
- **Sandra Sá Couto** (docente do curso de Licenciatura em Ciências da Comunicação – ramo Jornalismo da Faculdade de Letras da Universidade do Porto);
- **Sónia Lamy** (docente do curso de Licenciatura em Jornalismo e Comunicação da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Portalegre);
- **Teresa Gouveia** (docente do curso de Licenciatura em Comunicação Social da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viseu).

No que concerne ao método de recolha de dados, foram efetuadas entrevistas aos docentes mencionados, sendo que estas foram realizadas entre os meses de abril de 2011 e fevereiro de 2013.

3. Resultados e Discussão

Neste item, apresentamos algumas recomendações, resultantes da revisão bibliográfica e das entrevistas efetuadas, que podem ser seguidas pelos estabelecimentos de ensino superior que preparam os jornalistas para o mercado de trabalho, com o propósito de contribuir para o melhoramento do ensino ao nível da edição de imagem de conteúdos informativos televisivos.

Sensibilizar os futuros jornalistas sobre a importância de adquirirem as competências para editar, em vídeo, conteúdos noticiosos. Os docentes, que lecionam as unidades curriculares que abordam a edição de imagem de conteúdos noticiosos televisivos, devem reforçar, junto dos seus alunos, a relevância destes, enquanto futuros jornalistas, adquirirem as competências necessárias para editar em vídeo conteúdos informativos televisivos. Tal como apontam diversos estudos (Salaverría e García Avilés, 2008; Canelas, 2013), presentemente, o jornalista saber montar em vídeo é um pré-requisito para este exercer a sua atividade profissional numa redação televisiva, tornando-se uma mais-valia na hora da contratação e no desempenho da sua atividade profissional. Se os estudantes compreenderem que é útil ser detentor destas competências, certamente se sentirão mais motivados para as obterem.

Ainda neste ponto, pese embora alguns jornalistas a desempenharem a sua atividade profissional em redações televisivas continuarem a pensar que editar em vídeo não deve ser uma das suas funções/ tarefas, os alunos devem interiorizá-la como algo natural, tal como um jornalista de um jornal percebe que faz parte das suas funções/ tarefas escrever uma notícia no computador.

Abordar com profundidade as normas técnicas e estéticas da imagem.

As imagens difundidas pela televisão têm de respeitar certas normas técnicas e estéticas (Ward, 2000, 2001; Barroso García, 2001; Antero, 2007; Owens e Millerson, 2012; Pato, 2012; Zettl, 2012). Relativamente às normas técnicas, estas referem-se às imagens possuem uma exposição exata, se as cores são as corretas, se os elementos de interesse estão nítidos, se as imagens estão estáveis, entre outros aspetos técnicos. Por sua vez, as normas estéticas dizem respeito aos enquadramentos e, sobretudo, à composição de imagem. Deste modo, os discentes devem assimilar estas normas, porque permitir-lhes-ão, por um lado, ter a capacidade de escolher as melhores imagens e, por outro, não usar imagens com erros técnicos e estéticos que contribuem para a perda de qualidade dos conteúdos jornalísticos televisivos.

Versar sobre o poder informativo da imagem. Para além das normas técnicas e estéticas da imagem, os alunos devem aprender a reconhecer, em primeiro lugar, o seu poder informativo. Na medida em que o valor jornalístico da imagem se sobrepõe às normas técnicas e estéticas, já que «as imagens que se encontram em más condições técnicas ou até estéticas só podem ser emitidas se, devido à sua importância e exclusividade, o responsável pelo programa concluir que têm um interesse fundamental» (Direção de Informação da RTP, 2001: 59-60). Além do mais, se toda a imagem informa (Costa, 1989), os futuros jornalistas têm de estar cientes das informações que são transmitidas pelas imagens veiculadas. Porém, os estudantes devem igualmente estar conscientes de que para se decodificar a informação contida na imagem é necessário partilhar os mesmos códigos culturais de quem transmite e de quem recebe a imagem (Jespers, 1998).

Focar os limites éticos da utilização da imagem e do som na conceção de conteúdos noticiosos televisivos. Os alunos devem conhecer os limites éticos da utilização da imagem e do som na produção de conteúdos informativos televisivos, visto que, tal como alerta João Canavilhas (2009), montar é uma forma de manipular e, por este motivo, o ensino da ética, neste caso particular os aspetos referentes à imagem e ao som, deve ser reforçado, com a discussão de casos resultantes das novas práticas digitais. Tanto mais que as imagens e os sons podem ser manipulados deliberadamente com o fim de propaganda ou de desinformação e, mesmo sem serem manipulados, raramente são difundidos inocentemente (Jespers, 1998).

Aprofundar a linguagem audiovisual, em especial as técnicas e as regras da montagem. Para se editar em vídeo de uma forma apropriada é imprescindível que o futuro jornalista televisivo tenha um conhecimento aprofundado acerca da linguagem audiovisual, tal como um escritor possui sobre a língua na qual escreve. Por outro lado, tal como é evidenciado por diversos autores (Gomes *et al.*, 2004), se o jornalista em geral tem de dominar a língua na qual comunica, sendo visto como o principal instrumento de trabalho, o jornalista de televisão, para além disso, tem de dominar a linguagem audiovisual, porque é recorrendo a esta linguagem que constrói e veicula as suas mensagens informativas.

As narrativas jornalísticas televisivas são compostas por cenas e/ou sequências, resultantes da seleção e organização de planos. Nesta perspetiva, os discentes devem compreender o que é um plano e devem ter conhecimento de uma escala de planos e, principalmente, da significação de cada um dos planos que compõem esta

escala, de maneira a que estes os possam utilizar de um modo adequado (Rocha de Sousa, 1992; Sousa e Aroso, 2003; Antero, 2007; Oliveira, 2007; Simão e Fernandes, 2007; Pato, 2012). Neste seguimento, os estudantes devem ter conhecimento dos movimentos de câmara, designadamente da *panorâmica* e do *travelling*, e perceber em que situações práticas devem estes movimentos ser usados. Ainda no que concerne aos planos, é preciso que os futuros jornalistas tenham conhecimentos sobre os planos quanto à colocação da câmara ou ângulo de captação (normal, picado e contrapicado) (Rocha de Sousa, 1992; Antero, 2007). Não basta identificar e explicar estes conceitos, sendo necessário mostrar aos alunos como estes planos são usados na prática, recorrendo a bons exemplos, e, ainda mais importante, que os próprios alunos possam aplicá-los na realização de atividades práticas. Assim, deve ser dado aos discentes o tempo suficiente para poderem aplicar os conhecimentos teóricos transmitidos, de forma a serem interiorizados.

Para os planos serem organizados em cenas e/ou sequências com vista a ser construída uma narrativa noticiosa televisiva, os estudantes devem conhecer as diversas técnicas e regras da montagem. Sendo assim, devem ser explicadas as principais técnicas e regras de montagem, como sejam: o que se entende por *rac-corde* e os vários tipos, quer de imagem quer de áudio; a regra dos 180 graus; a regra dos 30 graus; o campo e o contra-campo; o equilíbrio de planos; o plano de corte; o plano *insert*; o plano de reação; o plano subjetivo; o uso das elipses; entre outras técnicas e regras da montagem (Arijon, 1976; Crittenden, 1995; Sánchez-Biosca, 1996; Fernández Díez e Martínez Abadía, 1999; Thompson, 2001; Schiavone, 2003; Pinel, 2004; Thompson e Bowen, 2009; Amiel, 2010; Dancyger, 2010; Reisz e Millar, 2010). Paralelamente à explicação destas e doutras técnicas e regras de montagem, é importante que sejam mostrados bons exemplos da aplicação prática destas aos alunos e que, seguidamente, tenham eles próprios a possibilidade de aplicá-las em atividades práticas. Neste âmbito, é crucial que as atividades práticas sejam acompanhadas pelos docentes de modo a corrigirem os eventuais erros cometidos.

Neste ponto, considera-se também pertinente demonstrar aos alunos que a disposição dos planos pode alterar por completo o sentido da mensagem, evidenciando que é a relação entre planos que cria o sentido e não os planos por si (Dancyger, 2010; Reisz e Millar, 2010).

O domínio da linguagem audiovisual, em especial das técnicas e regras da montagem, contribui para melhorar o ato de se contar “estórias”, no caso do jornalismo televisivo, através de imagens e sons. Tanto mais que, ainda que o processo de edição de imagem seja um processo técnico, este é fundamentalmente um processo criativo.

No contexto de aprendizagem de utilização de um editor de vídeo, dar uma especial atenção à edição de áudio. Ainda que, segundo os docentes entrevistados, os alunos não manifestam grandes dificuldades na aprendizagem do uso de um editor de vídeo, há uma componente que deve ser reforçada, a sonora.

Nos conteúdos jornalísticos televisivos, especialmente nas pequenas peças noticiosas e nas reportagens, a componente sonora é composta pela voz-off do jornalista, pelos depoimentos dos entrevistados ou pelas intervenções do próprio jornalista se estiver presencial, designados na gíria profissional televisiva por “*vivos*”, e pelo som ambiente. Por vezes, a estes três elementos de áudio é acrescentado

um quarto, os efeitos de som que poderão ser músicas de fundo, outros sons, com o propósito de recriar ambientes acústicos específicos ou, no caso de não existir o som original, criar um semelhante. Estes elementos sonoros têm por intuito valorizar as narrativas, já que introduzem uma nova dimensão para tornar mais ricos os conteúdos informativos televisivos (Direção de Informação da Radiotelevisão Portuguesa, 2001). Os elementos sonoros, quando devidamente utilizados, atribuem um valor acrescentado. Por valor acrescentado entende-se como o valor expressivo e informativo com que o som enriquece as imagens, «até dar a crer, na impressão imediata que dela se tem ou na recordação que dela se guarda, que essa informação ou essa expressão decorre “naturalmente” daquilo que vemos e que já está contida apenas na imagem» (Chion, 2011: 12).

Para o tratamento da componente sonora, os editores de vídeo oferecem diversos recursos e ferramentas. Um destes recursos é a disponibilização de algumas pistas de áudio, no caso dos editores de vídeo mais básicos, ou inúmeras pistas, no caso dos editores de vídeo intermédios e avançados. Desta forma, a existência de várias pistas destinadas ao som, possibilita aos jornalistas “misturar” sons. A título ilustrativo, a voz-off do jornalista e o som ambiente podem ser “misturados”, colocando cada um destes elementos sonoros em pistas independentes. Porém, o nível de áudio (o volume ou a intensidade sonora) de cada elemento sonoro tem de ser ajustado de forma apropriada, por exemplo, de modo a que o som ambiente não se converta em ruído, prejudicando a audição da voz-off e, consequentemente, a sua compreensão por parte dos telespetadores. É precisamente na “mistura de sons”, isto é, nos ajustes dos níveis de áudio, que reside uma das dificuldades dos alunos. Portanto, é fundamental dar especial atenção a esta parte.

Reforçar o ensino das técnicas de escrita para as imagens. A este respeito, os conteúdos noticiosos televisivos, designadamente as pequenas peças jornalísticas e as reportagens, possuem, na maior parte dos casos, voz-off, sendo este o resultado da leitura de um texto preparado pelo jornalista. Muito embora, a prática instituída nas redações televisivas portuguesas seja elaborar primeiro o texto e em função deste é que são montadas as imagens (Canelas, 2008, 2013; Godinho, 2011), o ideal, de acordo com vários autores (Cebrián Herreros, 1992; Watts, 1999; Sousa e Aroso, 2003; Machado, 2004; Godinho, 2011), seria montar primeiro as imagens e em função destas construir-se o texto jornalístico. Mesmo que o texto seja escrito antes da montagem das imagens, os futuros jornalistas não devem escrever o texto sem antes saber as imagens de que dispõem. Assim sendo, «tem que ser evitado, a todo o custo, o texto que é escrito sem que haja conhecimento das imagens, e totalmente à revelia destas» (Direção de Informação da RTP, 2001: 56). Ainda que isto pareça mais do que evidente, nem sempre é considerado quando os jornalistas elaboram o texto (Oliveira, 2007).

Por outra parte, escrever para televisão requer o domínio de uma técnica muito apurada. Tal como refere Jorge Nuno Oliveira (2007: 33), «a escrita audiovisual representa, no fundo, um corte absoluto com os parâmetros de escrita que nos ensinaram desde os tempos de escola. De uma escrita apoiada em sinais gráficos e destinada a ser lida vamos passar para uma escrita que representa sons. Uma escrita que se destina a ser ouvida e entendida logo à primeira vez e que, por isso, deve ser coloquial».

Neste ponto, os alunos devem aprender as técnicas de escrita de textos jornalísticos para televisão, tendo de entender a relação imagem e texto.

Contar com a colaboração de profissionais da área. Alguns dos docentes entrevistados, mais concretamente José Manuel Portugal, professor na licenciatura de *Jornalismo* da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Miguel Ângelo, docente na licenciatura em *Comunicação Social* do Instituto Superior Miguel Torga, entendem que a leção da edição de imagem de conteúdos noticiosos televisivos deve contar com a colaboração de profissionais da área, neste caso particular com editores de imagem, de forma a transmitirem as suas experiências aos futuros jornalistas.

Fomentar a participação dos alunos em atividades extracurriculares referentes à produção noticiosa televisiva. Os estabelecimentos de ensino superior, que ministram cursos que formam jornalistas, devem criar as condições necessárias para que os seus alunos tenham a possibilidade de frequentar atividades extracurriculares no domínio da produção jornalística televisiva. Por sua vez, os docentes devem encorajar os seus alunos a participar nestas atividades, sensibilizando-os para a importância destas para o seu futuro profissional. É nestas atividades extracurriculares que os alunos têm tempo para praticar e para errar. Neste contexto, é imprescindível que estas atividades sejam acompanhadas pelos docentes ou por outros profissionais da área de modo a assinalar os erros efetuados pelos estudantes e a indicar a sua resolução.

Aquisição de conhecimentos com os editores de imagem nos estágios curriculares realizados nas redações televisivas. Na maioria dos cursos de Jornalismo ou afins, os discentes podem realizar um estágio curricular numa organização jornalística. A necessidade do estabelecimento de uma estreita ligação entre o meio académico e o meio profissional empresarial é uma das principais razões na aposta na realização de estágios curriculares (Salgado e Cravo, 2001). Através do desenvolvimento de estágios académicos, os alunos têm a possibilidade de contactar com o mercado real de emprego, adquirir experiência profissional apropriada e colocar em prática os conhecimentos académicos adquiridos (Salgado e Cravo, 2001).

Sendo assim, o estágio curricular é uma etapa muito importante na formação de qualquer aluno, mas desempenha, ainda, maior relevância, no caso de um estudante de jornalismo, uma vez que «a prática diária de uma redação, com as suas rotinas e prazos ou os afazeres e as correrias de uma estação de televisão são experiências que qualquer estudante deveria vivenciar, antes de ingressar, em pleno, na profissão que escolher» (Teixeira, 2012: 420). Deste modo, aconselhamos os estudantes, que pretendam exercer a sua vida profissional como jornalistas televisivos, a realizarem os seus estágios curriculares em redações de televisão.

Por norma, os estágios curriculares têm por objetivo complementar a formação académica através do exercício de funções e tarefas práticas em organizações, proporcionando aos estudantes a aprendizagem de competências profissionais em contexto real de trabalho. Porém, os estágios curriculares não devem ser vistos apenas como a possibilidade de os alunos aplicarem os conhecimentos teóricos e práticos, mas, igualmente, para obterem novos conhecimentos e competências. Tal como sugerido por Patrícia Moreira, formadora dos jornalistas da SIC no campo

da edição de imagem de conteúdos noticiosos, os jornalistas-estagiários e os jornalistas recém-formados devem tentar passar o máximo tempo com os editores de imagem de forma a assimilarem os conhecimentos sobre as boas práticas da montagem. Recuperando a ideia de Harris Watts (1990), a melhor maneira de aprender a montar é observar os editores de imagem a exercerem a sua atividade profissional e compreender as suas decisões de montagem.

4. Conclusão

Esperamos que as recomendações propostas possam contribuir para a melhoria do ensino da edição de imagem de conteúdos informativos televisivos para jornalistas.

5. Referências bibliográficas

- Amiel, V. (2010). *Estética da Montagem*. Lisboa: Texto & Grafia.
- Antero, J. (2007). *Operações de Câmara: gramática da captação de imagem em movimento*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas.
- Arijon, D. (1976). *Grammar of the Film Language*. Reino Unido: Butterworth-Heinemann.
- Barroso García, J. (2001). *Técnicas de Realización de Reportajes y Documentales para Televisión*. Madrid: Instituto Oficial de Radio y Televisión RTVE.
- Canavilhas, J. M. (2009). Ensino do Jornalismo: o digital como oportunidade. In: Fidalgo, J. & Marinho, S. (orgs.). *Actas do Seminário Jornalismo: mudanças na profissão, mudanças na formação*. Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho: 49-56.
- Canelas, C. (2008). *A Edição de Vídeo no Jornalismo Televisivo: os profissionais da edição de vídeo da informação jornalística diária da RTP*. Dissertação de Mestrado. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Canelas, C. (2013). *O Binómio Jornalistas-Editor de Imagem na Produção Noticiosa Televisiva: causas e consequências*. Tese de Doutoramento. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Cebrián Herreros, M. (1992). *Géneros Informativos Audiovisuales: radio, television, periodismo, gráfico, cine, vídeo*. Madrid: Editorial Ciencia 3.
- Chion, M. (2011). *A Audiovisão: som e imagem no cinema*. Lisboa: Texto & Grafia.
- Costa, J. M. (1989). O documentário ausente. *Revista de Comunicação e Linguagens* 9: 97-101.
- Cottle, S. e Ashton, M. (1999). From BBC Newsroom to BBC Newscentre: on changing technology and journalist practices. *Convergence: The International Journal of Research into New Media Technologies* 5 (3): 22-43.
- Crittenden, R. (1995). *Film and Video Editing*. Routledge: Londres e Nova Iorque. 2.ª edição.
- Dancyger, K. (2010). *The Technique of Film and Video Editing: History, Theory and Practice*. EUA: Focal Press. 5.ª edição.
- Deuze, M. (2004). What is Multimedia Journalism?. *Journalism Studies* 5 (2): 139-152.
- Direção de Informação da RTP (2001). *RTP: livro de estilo*. Lisboa: RTP.
- Fernández Casado, J. L. & Nohales Escribano, T. (1999). *Postproducción digital: cine y vídeo no lineal*. Espanha: Escuela de Cine y Vídeo de Andoain.

- García Avilés, J. A. (2002). Periodismo polivalente y convergente: riesgos y oportunidades para el periodismo audiovisual. *CHASQUI: Centro Internacional de Estudios Superiores de Comunicación para América Latina* 79: 38-43.
- García Avilés, J. A. (2006a). Convergencia y polivalencia periodística en televisiones europeas y norteamericanas. *Global Media Journal*. In: (http://gmje.mty.itesm.mx/garcia_aviles.htm) (acedido 2013).
- García Avilés, J. A. (2006b). *El periodismo audiovisual ante la convergencia digital*. España: Universidad Hernández.
- García Avilés, J. A. (2006c). Las redacciones de los canales “todo noticias” como laboratorio de periodístico: los casos de BBC News 24 y Rainews 24. *Trípodos* 19: 83-97.
- García Avilés, J. A. e León, B. (2002). Journalistic Practice in Digital Television Newsrooms: the case of Spain’s Tele 5 and Antena 3. *Journalism* 3 (3): 355-371.
- Godinho, J. (2011). *As Origens da Reportagem – Televisão*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Gomes, A. et al. (2004). O essencial e o acessório na formação de jornalistas. *Comunicação e Sociedade* 5: 109-122.
- Jespers, J.-J. (1998). *Jornalismo Televisivo: princípios e métodos*. Coimbra: Minerva.
- Machado, J. (2004). *Apresentador de TV*. Lisboa: Edições Lidel.
- Oliveira, J. N. (2007). *Manual de Jornalismo de Televisão*. Lisboa: CENJOR.
- Owens, J. & Millerson, G. (2012). *Television Production*. EUA: Focal Press. 15.ª edição.
- Pato, L. M. (2012). *Técnicas de Produção Televisiva na Migração para o Digital*. Coimbra: Grácio Editor.
- Pinel, V. (2004). *El montaje: el espacio y el tiempo del film*. Barcelona: Paidós.
- Ramonet, I. (1999). *A Tirania da Comunicação*. Porto: Campo das Letras.
- Reisz, K. & Millar, G. (2010). *The Technique of Film Editing*. EUA: Focal Press. 2.ª edição.
- Rintala, N. e Suolanen, S. (2005). The Implications of Digitalization for Job Descriptions, Competencies and the Quality of Working Life. *Nordicom Review* 26 (2): 53-67.
- Rocha de Sousa (1992). *Ver e Tornar Visível: formulações básicas em cinema e vídeo*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Salaverría, R. (2009). *Los medios de comunicación ante la convergencia digital*. Navarra: Depósito Académico Digital Universidad de Navarra. In: (http://dspace.unav.es/dspace/bitstream/10171/5099/1/Ramon_Salaverria.pdf) (acedido em 2013).
- Salaverría, R. e García Avilés, J. A. (2008). La convergencia tecnológica en los medios de comunicación: retos para el periodismo. *Trípodos* 23: 31-47.
- Salgado, M. A. e Cravo, P. M. (2001). O papel desempenhado pelo estágio curricular: o caso da licenciatura bietápica em Estratégia e Gestão Turísticas. *Dos Algarves: A Multidisciplinary e-Journal* 9: 37-44. In: (<http://www.estig.ipbeja.pt/~pmmmc/papers/estagios.pdf>) (acedido em 2013).
- Sánchez-Biosca, V. (1996). *El montaje cinematográfico: teoría y análisis*. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica.
- Schiavone, R. (2003). *Montar um Filme*. Avanca: Edições Cine-Clube de Avanca.
- Simão, J. & Fernandes, N. (orgs.) (2007). *Manual de Jornalismo Televisivo da UTAD TV*, Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. In: (<http://comunicamos.files.wordpress.com/2007/09/utadtv-manual3.pdf>) (acedido em 2013).

- Sousa, J. P. & Aroso, I. (2003). *Técnicas Jornalísticas nos Meios Electrónicos: princípios de radiojornalismo, telejornalismo e jornalismo on-line*. Porto: Universidade Fernando Pessoa.
- Souza Filho, W. (2015). *A Transformação da Tecnologia: mudanças das rotinas de edição da notícia nos telejornais do Brasil e de Portugal*. Tese de Doutoramento. Covilhã: Universidade da Beira Interior.
- Teixeira, P. O. (2012). O ensino do jornalismo em Portugal: breve história e panorama curricular, ao virar da primeira década do século XXI. *Estudo em Jornalismo e Mídia* 9 (2): 407-424.
- Thompson, R. & Bowen, C. (2009). *Grammar of the Edit*. Focal Press. 2.^a edição.
- Thompson, R. (2001). *Manual de montaje: gramática del montaje cinematográfico*. Madrid: Plot Ediciones.
- Waldman, S. et al. (2011). *The Information Needs of Communities: The Changing Media Landscape in a Broadband Age*. Washington: Federal Communications Commission. In: (<http://www.fcc.gov/info-needs-communities>) (acedido em 2013).
- Wallace, S. (2009). Watchdog or Witness? The Emerging Forms and Practices of Videojournalism. *Journalism* 10 (5): 684-701.
- Wallace, S. (2013). The Complexities of Convergence: Multiskilled Journalists Working in BBC Regional Multimedia Newsrooms. *International Communication Gazette* 75 (1): 99-117.
- Ward, P. (2000). *Digital Video Camerawork*. Oxford: Focal Press.
- Ward, P. (2001). *Basic Betacam Camerawork*. Oxford: Focal Press, 3.^a edição.
- Zettl, H. (2012). *Television Production Handbook*. EUA: Wadsworth, 11.^a edição.